

O AMIGO DO POVO

BRAGA---BOM JESUS



1.º DE JUNHO DE 1884

BRAGA

I.—Perde-se na ancianidade dos tempos a origem de *Braga*, capital da provincia do *Minho*—a região mais pictoresca de *Portugal*.

te usual, mas irruptuoso em occasião d'enchantes d'hynvernias.—Espadana-se então furioso d'encontro á «ponte-nova» que o exorna, e mira sobranceira o ameno passeio de *S. João da Ponte*—em contraste geral com o solitario local de *Guadalupe*, simulacro do *Penedo da Saudade* em *Coimbra*.



Dos *celtas bracatos*, cognominados assim do seu «vestuario peculiar», adveio a *Braga* o nome—conforme resam os historiadores em geral—sustentado sempre em reputação afamada.

II.—Espraiando-se risonha e galharda, no meio d'um horizonte aprazível, altea-se *Braga* na margem direita do rio *Dêste*—placido com a modesta corren-

III.—Entre as «longas pernas» de *ruas*, em que é singular a configuração de *Braga*, avultea a dirigida para o SANCTUARIO do BOM JESUS DO MONTE:—eremiterio monumental, originado n'uma pequena ermida nos annos de 1494, e ampliado successivamente até 1723—em que de vez assumira o aspecto geral da actualidade—aformoseado singularmente des-

de 1877, com «arruados e lagos», e «terraplanagens amirantadas».

IV.—Abunda Braga em templos e palacetes, esparsos donairosamente no seu ambito:—assignalando-se pelo seu caracter especial a SÉ PRIMAZ, em cuja proximidade estanca o *paço archiepiscopal*.—No seu *salão dos retratos*, amplo e alteado, estão enquadros os vultos dos numerosos *prelados primazes*, em que esplendem *papas, cardeaes, reis, infantes*, e *varões assignalados*, de que a «historia» se occupa á larga.

V.—Do que era Braga nos fins do seculo XVI—1594—dá testemunho a *planta iconographica* exposta aqui, e de que possui o *original*—entre outras *curiosidades* da sua conhecida livraria—o signatario d'estas *duas linhas* succintas.

Nas *legendas latinas*, photographadas embora em caracteres microscopicos, acharão os amadores d'estas especies as indicações apropriadas, e com so-beja individuação.

VI.—Os visitantes da *cidade*, amadores de «re-

liquias epigraphicas» da *epocha romana*, acharão *lapi-des valiosas* em mais d'um logar, e muitas conjuntas no *Campo das Carvalheiras* desde 1768—no *arcebispado de D. Gaspar de Bragança*—a quem é devida a iniciativa do *templo actual* do BOM JESUS DO MONTE.

VII.—Os amadores de *recordações nobiliarias*, desejosos de conhecer *mansões de familias* com ascendentes assignalados—acharão no mesmo *Campo das Carvalheiras*, «na esquina da rua em direcção á frontaria da Sé, a casa da *Ex.^{ma} D. Angelica Augusta da Costa de Vasconcellos*, consorte do *Ex.^{mo} Governador-civil* do districto.

Descende esta illustre senhora bracarense, *como decima neta*, do Cardeal *D. Jorge da Costa* o 2.^o, arcebispo primaz de Braga—o primeiro edificador da PRIMEIRA ERMIDA do *Sanctuario* do BOM JESUS DO MONTE, e irmão do famigerado Cardeal *d'Alpe-drinha*, «antecessor e successor seu no arcebispado».

O Professor do Lyceu, *Pereira-Caldas*.



CENTENARIO

(COMPARAÇÕES)

Quando ouço as harmonias commoventes, religiosamente inspirativas do órgão do templo da montanha, e os cantares melódiosos do povo festival a ressoarem nos ecos das encostas hervecidas, e uma doida alegria trinada de passaros a embalarem-se na folhagem da floresta, o meu espirito retrocede seis seculos e procura na intuscepção d'uns vagos lineamentos historicos o que era então o MONTE hoje chamado do SENHOR.

Vejo uns cerrados matagaes onde o veado pula em suas inhospitas solidões, e o javardo estralleja os troncos dos arbustos fugindo ou accomettendo as matilhas dos ricos-homens de Lanhoso—os Ozorios ou Ansores, senhores d'aquelle monte que então se chamava d'*Espinho*.

Um d'esses, D. Pero Osorio, ascendente dos Machados, donatarios d'Entre-Homem-e-Cavado, bandeara-se no partido de D. Sancho II, rei desthronado, contra seu irmão Affonso conde de Bolonha.

Florecia então arcebispo de Braga D. Egas de Portocarreiro, acerrimo fautor do Bolonhez, e bravo caudilho da sua hoste no Minho. Era irmão do chefe da horda, que á mão armada roubara a el-rei Sancho a rainha Mecia d'Haro, se é que ella não se entregou com voluntaria perfidia aos raptos.

Um dia, já quando o seu rei jasia no sepulcro de Toledo, e sobre o seu cadaver, Martim de Freitas, o integerrimo alcaide, depunha a chave do castello de Coimbra, D. Pero Anzor assomou nos seus montados de Espinho, com balsão de guerra, um estandante de templario, offerecendo ao arcebispo D. Egas a batalha da desesperação.

D. Affonso chegára então a Braga para destruir d'um golpe as reliquias rebeldes dos seus adversarios—aquelle ninho de falcoens que, de vez em em quando, levantavam vôo assolador dos penhascaes de Lanhoso, a cevarem-se na carnagem dos peões do prelado guerreiro. D. Pero não retirou quando soube que o guião das quinas ondulava á frente da hoste real do usurpador. Travou-se a batalha desigual entre as phalanges aguerridas e os montanhezes indisciplinados na sua furia. O rico-homem ficou prisioneiro na refrega; e, conduzido a Braga por sentença d'Affonso III, rubricada pelos seus baroens e prelados, soffreu em praça publica a decapitação.

Vagára dest'arte o senhorio do Monte d'Espinho, que passou a ser propriedade do arcebispo D.

Egas e seus successores na mitra, por generosidade regia. D. Diniz, filho d'aquelle monarcha, restituiu os bens aos filhos de D. Pero Anzor; mas o Monte d'Espinho nunca mais sahiu do poderio dos arcebispos.

*

Comparemos a grita, a raiva, o praguejar dos enfuriados batalhadores de ha seis centos annos com os cantares piedosos que hoje se escutam no templo fundamentado, ha um seculo, no chão onde talvez ainda abrolhassem as carcomidas arvores sob cujas ramarias dormiram o somno final os homens d'armas do ultimo senhor do Monte d'Espinho.

S. Miguel de Seide,
21 de maio, 1884.

Camillo Castello Branco.

A ASSOCIAÇÃO DE BENEFICENCIA

Passam as festas do centenario e a sua recordação esvair-se ha em breve nas sombras do esquecimento?

Durará apenas na memoria, dos que viram o entusiasmo com que esta terra commemorou o centesimo anno da fundação d'um monumento da sua religiosidade?

Depois que, na amplidão do espaço, se perder o ecco da ultima nota das musicas, ou da detonação do ultimo foguete, dessas ruidosas festas o que ficará?

A inauguração d'um estabelecimento que vale mais que a de estatuas de heroes, que a de monumentos que recordam as grandes conquistas das nações.

Não é o presente pagando uma divida ás vezes de tardio reconhecimento á memoria do passado; é a actualidade olhando para o futuro, que se associa para emprender um grande commetimento.

No 1.º de junho de 1884 a piedade dos nossos passados erigia a Jesus um monumento no alto do monte para affirmar os sentimentos da sua religiosidade.

Um seculo depois, em 1884, nós, no meio do povoado, levantamos um monumento á caridade, que esse mesmo Jesus, expirando no cimo d'outro monte, proclamou como base da sua religião.

Elles e nós completamos com o nosso pensamento a grande maxima do Evangelho: *Amar a Deus sobre tudo e aos homens como a nós mesmo.*

Elles, fundando um templo para as manifestações do seu culto, quizeram mostrar o seu amor a

Deus. Nós, creando um asylo de mendicidade na comemoração centenaria d'aquella fundação, levantamos outro templo em que affirmamos esplendidamente o nosso amor a Deus e aos nossos semelhantes.

A caridade é uma planta virente e uberrima de flores e fructos, com que perfuma a terra, mas que tem as raizes no ceo.

E' o laço que, prendendo o homem a Deus, estabelece a comunicação entre o ceo e a terra.

Sem ella, diz um escriptor catholico, «o ceo nos escapa e a terra se avisinha do cahos de que sahira. A religião não é então senão uma philosophia secca, uma theoria esteril, que deixa o homem entregue ao vazio do seu nada e aos extravios da sua perversidade.»

Ella é a verdadeira lei do progresso moral.

Bem aproveitado foi pois o ensejo para fundar a *Associação de Beneficencia do Districto de Braga*, inaugurando os seus dous primeiros estabelecimentos—O Asylo de Mendicidade e Os Albergues nocturnos.

As festas passam, mas ainda bem que fica dellas esta grata recordação para attestar no futuro os caridosos sentimentos dos filhos de Braga.

Jeronymo Pimentel.

NO CALVARIO

Maria, com seus olhos magoados,
—ceus espirituaes,—lavava em pranto
as largas chagas de Jesus, em quanto
via ao pé um dos tres Crucificados

Semblantes de mulher mortificados
escondiam a dor no casto manto.
Uma mulher de Hennon chorava a um canto.
Jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, os pingos de sangue,—alva açucena,
dir-se-ia no bom seio recolhel-os.
Alguns riam, brutaes, d'aquella peña

Salomé tinha um mar nos olhos bellos.
João fitava a Cruz.—Mas Magdalena
limpava a Christo os pés com seus cabellos.

Gomes Leal.

*Où sont-ils, Vierge souveraine?...
Mais où sont les neiges d'antam ?*

VILLON.

Um dia, no Bom Jesus, um dia de romaria alegre como o repicar dos sinos nas torres do Sanctuario e os descantes dos romeiros acompanhados pelas notas um pouco selvagens das musicas que a espaços o rebentar de morteiros abafava, fui sentar-me no parapeito de pedra que circunda, lá em cima, no largo das *Tres Capellas*, a capella da Ascensão. O meu olhar perdia-se nas bellezas do valle, que d'ali se desenrola, quando o ruido de passos me fez voltar a cabeça e reparar n'uma velhinha que, apoiada ao braço d'um homem, velho tambem, procurava, com attenção, no caiado de fresco da parede da capella o quer que fosse.

A sua figura, pequenina e curvada, endireitou-se de repente como se lhe tivessem mexido n'uma móla e, o braço esquerdo, um momento levantado, apontando para o muro, exclamou n'uma explosão de alegria triumphante:

—Olha, João!

E logo, abraçada ao seu companheiro, quedaram-se a chorar, n'um choro socegado. Elle então, com carinhos de pae, assentou-a ao seu lado muito perto do logar onde eu estava e voltando-se para mim disse-me:

—Não é na la, desculpe, tolices de velhos...

E, medindo-me d'alto a baixo, acrescentou:

—Ha uns bons quarenta annos, um mez antes de casarmos, estivemos aqui e escrevemos ali os nossos nomes; hoje o acaso quiz que minha mulher os encontrasse, mas escriptos por outra mão e com a data d'este anno!... Que sejam tão felizes como nós fomos, não é verdade Luiza?..

E, abeirando-se d'ella, beijou-a docemente na neve dos seus cabellos!...

Hoje, volvidos dez annos, o coração mais affeito a tristezas, pergunto a mim mesmo como o poeta da ballada—où sont les neiges d'antam?..

Lisboa, maio 84.

Bernardo Pinheiro.

O TEMPLO DO BOM JESUS DO MONTE

No recosto do monte d'Espinho, que defronta com a cidade de Braga, estanceia a estatura de um gigante. Accentua-se a magestade na sua attitude, reluz a formosura nas suas feições, sorri a esperança nos seus labios. Traja manto de pedra e pisa

verdejante alcatifa adereçada d'esmeraldas. Embraga um escudo, aonde lampeja uma intensa radiação, desfralda uma bandeira, aonde dardeja um sol fulgentissimo. E' a radiação dos grandes principios, que guiam o homem, é o sol das grandes verdades, que illuminam a humanidade.

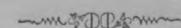
Esse gigante não resfolga coleras, nem espumeja flagicios; muito ao invéz d'isto enthesoura ternuras e desentranha benções.

Nas suas mãos potentissimas não faiscam as laminas cortantes, que semeiam a morte e derramam a assolação, fulgura como um facho a cruz do Calvário e fascina como um thesouro a imagem do Bom Jesus, que dispensa vida a cada espirito, liberdade a cada raça, civilisação a cada povo.

Na sua immovel e tranquilla serenidade esse gigante escuta e goza por orchestra tanto as notas plangentes, que arqueja a voz das procellas, como os fremitos melodiosos, que vibram na aza embalsamada das virações. Recinge-lhe a cabeça um diadema feito das rutilações da aurora e dos reflexos do ultimo crepusculo. Alteia-se e demora em uma das mais ridentes estancias de Portugal, e tem por formosa perspectiva um dos mais esplendidos quadros da natureza.

No dia 1.º de Junho de 1884 expira a seus pés a vertiginosa onda de um seculo transcorrido depois que a fé e o esforço de um povo o fundio e ergueo alli. N'esse largo periodo não lhe fallerem nem poderes nem alentos para asserenar muitas vezes as furias d'essa onda, aonde se balouçava a espuma decorada de paixões más e se estampava a sombra melancholica de tantas tristezas amarissimas. Celebrar este centenario é memorar a nascença do gigante, é exaltar a historia da sua vida e a gloria do seu destino. Na religião, que allumia e na virtude, que salva, se resume e cifra essa instructiva historia e essa gloria purissima.

J. Alves Matheus.



BOM JESUS

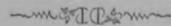


Quando se faz romagem
ao monte de Jesus,
—explendida paysagem
banhada em plena luz,—
não se ouve do Sinaï crestado e arido
essa furia tamanha,
tempestade de horror e de grandeza:
escuta-se de Christo a voz suavissima
no Sermão da Montanha!
Sorri a natureza.

Certos os passarinhos
do dia de amanhã, armam seus ninhos.

Braga—1884.

Thomaz Ribeiro.



Eternas e perduraveis são só as obras de Deus.
Aspira o homem á immortalidade, mas o que elle não vinga é desviar de cima das suas creações a acção exicjal do tempo, que tudo aniquila e desfaz.

E é por isto que o rei da criação, rei tantas vezes vertiginoso como Saúl, ao coroar a terra, esta immortal Cybelles, de piramides e obeliscos, de monumentos e instituições, procura ancioso transmittir á posteridade o nome aureolado com os louros do triumpho; mas... terrivel condieção dos nadas da vida, a historia, que é o Pantheon illustre de todas as grandezas, tambem é Necropole gelada e sombria de cinzas e destroços.

Não tem igual destino as obras de Deus. O germen d'uma exuberante vitalidade as fortalece e avigora, e um sol sem nuvens, espargindo sobre ellas luz e calor, lhes dá o supremo poder de transporem os espaços e dominarem os seculos.

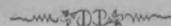
São assim os alicerces da Egreja. O tempo não os gasta, porque ella é Eterna; o espaço não os comprime, porque ella é Universal.

Celebrando o primeiro anniversario secular do esplendido templo do Bom Jesus, que para nós é sanctuario de piedade e estancia perfumada onde acalmamos fadigas, e vamos esquecer á sombra dos seus cedros e á margem dos seus lagos impertinencias e dissabores da vida, não somos mais do que o echo fiel da indefectivel promessa, tantas vezes repetida sob as formosas abobadas d'aquelle templo pelos labios do Levita no seu quotidiano psalmodear.

Hæc est domus Domini firmiter ædificata: bene fundata est supra firmam petram. (Brev. Romano).

Braga, 21 de Maio de 1884.

Conego Figueiredo.



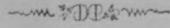
TODO ESTÁ EN EL CORAZON



La reina, que enloquecia
Por Don Felipe el Hermoso,
La tumba al ver de su esposo,
—Todo está allí!—se decia.

Sus restos exhumó un dia,
Mas nada allí vió; y así,
En vez del—todo está allí,—
Desde tan triste ocasion,
Señalando al corazon,
Decia:—Todo está aquí!—

Campoamor.



Em seguida a uma visita feita á Falperra, o grande historiador Alexandre Herculano veio visitar tambem o Bom Jesus do Monte, a preciosissima joia que dá um enorme valor á pequena cidade que a possui.

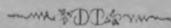
Herculano vinha desconsolado com a mesquinha vulgaridade da Falperra, onde o seu alevantado espirito imaginara um scenario tetrico, appropinquado aos dramas terriveis de que o monte tinha sido centro de acção.

Em logar, porem, de antros escuros, abysmos profundos, arripantes, massigos de arvores seculares, com um esbracejamento luxuriante de ramos e uma trama intrincada de grelhas escuras, dando um tom sombrio e selvatico á paisagem, de modo a explicar a pavorosa inquietação que avassalava o espirito dos viajantes, sacudindo-lhes os nervos e as maxillas, e congestionando-lhes a medulla espinhal, Herculano encontrou aquillo que menos esperava—um pequeno monte descalvado e nu, alegre e cheio de sol.

Vinha, portanto, desconsolado visitar o sanctuario. Um violento accesso de pessimismo schopenhauriano derrancara-lhe o espirito, tornando-o inapto para observar o complexo de maravilhosas bellezas que enriquecem a localidade.

Ao fim da romagem artistica pelas capellas, bastante desanimado com a esculptura primitiva das imagens, teve uma phrase synthetica incitadora de melhoramentos futuros:—Isto é o calvario de Christo e o calvario da arte!

Julio Cardoso.



NO BOM JESUS



...Um Eden!

Desperta me no peito a Crença amortecida,
Oh! doida fantasia
Que minh'alma transporta!
Evola-te da Terra e dá-me alento e vida,
Resurge novamente immersa em calmo dia,
Pois sinto que me inspira
A Fé vivicante—a Fé que se extinguira—
—A Fenix que era morta!—

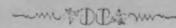


.....
Ai! quem não sentirá de Deus sua alma prêsa
Ouvindo o são concerto, infindo, mysterioso
Da immensa Natureza,
Forte, fecunda e joven,
Que, livre, se opulenta em mystico repouso?
Ai! quem não sorrirá d'estranhas alegrias
Aqui, onde se escutam as santas harmonias
Que lá dos astros chovem?

.....
Levanta-te, Beethoven!

Braga.

Rebello Barboza.



CONSUMMATUM EST



Está terminada a redempção da humanidade, a reconciliação do homem com Deus, a missão estupenda, toda de amor—foram as derradeiras palavras do Homem Divino, ao expirar na Cruz!

Foi em commemoração d'este ultimo, solemne e assombroso momento do Sublime Crucificado, que os nossos antepassados iniciaram, no aprazível pendor do monte Espinho, o famoso templo cujo centenário os bracarenses com devoção sincera e fervido entusiasmo hoje celebram.

A nós, que herdamos este sumptuoso edificio, cumpre conserval-o e amplial-o como monumento das nossas crenças christãs, como obra d'arte, como a fabrica que mantem maior numero de operarios e como origem de riquezas para esta cidade.

E, para condignamente o commemorar, corre nos o dever impreterivel de seguir a maxima do Mestre de toda a humanidade—*Amai-vos uns aos outros.*

Cumpril-a-hemos com respeitoso reconhecimento dos vindouros, que hão-de celebrar o 2.^o centenário do templo do Bom Jesus do Monte, enxugando hoje as lagrimas dos que padecem fome e estatuindo casas de beneficencia e mesmo d'ensino, porque a instrucção, sendo obra de misericordia, é tambem obra de caridade e de amor.

E' o que ha-de passar á posteridade e para com ella acreditar-nos e honrar-nos; é o que ella nos hade agradecer, é o que ella ha-de respeitar e condignamente commemorar.

A luz variada e deslumbrante dos foguetes; o brilho multicolor das multiplices illuminações; o effeito magico dos diversissimos galhardetes, flammulas e



bandeiras, os vistosos arruados não chegarão aos nossos successores.

O que até elles ha-de ir, são, pois, os asylos, as escolas, as officinas e mesmo as arvores que plantarmos.

L. G.

JUSTA CRUCEM

Almas piedosas, vossas crenças puras
Vinde entornar aos pés do moribundo,
Que, estirado na cruz, lyrio pendido,
Veio a morrer para dar vida ao mundo!

De joelhos ante o Christo, que nos olha,
Brademos por justiça, até que um dia
De novo clame sobre o mundo afflicto
A santa voz do filho de Maria.

Simões Dias.

Conheço Cintra, aquella soberba montanha de
uma vegetação exuberante, que, em meio de uma
extensa charneca arida e triste, emerge gloriosa, co-
mo uma ilha de verdura!

Conheço o Bussaco, onde se passa silenciosa-
mente pelo meio dos grandes cedros do Libano,
com a mesma veneração religiosa com que se atra-
vessa a nave sombria e solemne d'um templo de-
serto!

Conheço o Bom Jesus do Monte, d'onde se goza
uma paisagem encantadora!

Ah! Cintra póde fazer um forte; o Bussaco um
mystico; mas o Bom Jesus do Monte dá-nos a im-
pressão risonha e placida de que se possuia Henri
Heine, quando dizia que dentro do coração sentia
um... domingo!

Alberto Braga.

TREVAS E LUZ

30 DE MAIO

Em derredor do lar, — ninho sinistro e frio,
uniam-se, tiritando, as crianças, magras e famintas.
Os seus olhares sem brilho, d'uma melancholia com-
movente, poisavam na pobre mãe, que estremezia e
chorava ao ouvir balbuciar — pão!

Entrou a CARIDADE, opulenta d'alegria e for-
mosura e luz, e as crianças sorriram, e o lar scin-
tillou.

Souza Ribeiro.

EM HONRA DO REAL SANCTUARIO

Alme sol, curru nitido diem qui
Promis et celas, aliusque et idem
Nascaris, possis nihil... *Ale Sancta*
Visere majus!

(Horat. n'um *centenario Relig.*)

Alma da natureza, fonte de vida, ó sol, que
o dia trazes e levas em teu brilhante carro, astro
sempre o mesmo e sempre novo, nunca tu vejas
nada maior que... o Sanctuario do *Bom Jesus*.

P.º Pereira.

SERMÃO NA MONTANHA

Frei Bernardo, de pé sobre uma dorna,
Empina o cangirão, que o desafia,
E sobre o povo, que o admira, entorna
O mar enorme da oratoria pia.

Préga, sinistro; textos mil aponta;
E aos abysmos descendo do profundo
Agarra Belzebuth, por uma ponta,
E com elle verbera o dorso ao mundo.

Entra na conclusão, que o povo chora:
Vem ao throno buscal-o a confraria;
Lança a benção final, e, sem demora,
Empina o cangirão, que o desafia.

Braga, 27 de maio de 1884.

João Penha.

DUAS DATAS

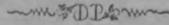
O dia 30 de maio de 1884 ficará sendo uma
data gloriosa na historia de Braga.
As gerações porvir terão de festejar d'ora avan-

te dous centenários unidos e inseparáveis, commemorados nas duas datas—30 de maio de 1884 e 1 de junho de 1784.

Em nome da caridade agradecida, e como filho de Braga, seja-me licito felicitar d'este lugar o nobre magistrado do districto, pelos relevantísimos serviços que prestou á humanidade soffredora e indigente, organisando a *Associação de Beneficencia* no districto de Braga.

E se as festas do centenario hão-de passar á historia, o nome do benemerito, entre os benemeritos, Jeronymo da Cunha Pimentel, actual governador civil do districto, terá inquestionavelmente o primeiro lugar, porque ha-de occupar o lugar de honra—como auctor e causa principal da festa mais brilhante com que se commemora o centenario do Bom Jesus do Monte.

Constantino de Almeida.



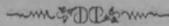
A natureza e a graça, porque são irradiações d'um mesmo foco de luz e tendem a um mesmo ideal, alliam-se e unem-se em intimo consorcio.

Symbolo formosissimo d'este consorcio ineffavelahi o tendes n'essa montanha esplendida onde as galas da natureza, realçadas pelos primores da graça, constituem uma synthese divina.

Chama-se o BOM JESUS DO MONTE.

Braga, 27 de maio de 1884.

Dr. Luiz M. S. Ramos.



LENDA

Quando passava, lendo e meditando do infinito na biblia mysteriosa,
as pequeninas flores,
soltando-se do hastil mimoso e brando,
como que vinham—pallidas amantes!—
beber-lhe palpitanes,
na fronte esplendorosa,
perfumes e frescores.
E, da balseira, as aves
cobriam-no de canticos suaves.
E a infancia, que não finge
affectos e carinhos,
vinha beijar-lhe, á margem dos caminhos,
a fluctuante e luminosa stringe.

*
* *

Tempos depois, o doce Nazareno,
ao despertar de sonho tão sereno,
olhou em torno a si:
a multidão rugia como feras,
mas o sol, o bom sol das primaveras,
dizia-lhe:

—Rabbi:

o teu olhar tão puro e transparente,
que era delicia vel-o,
traduz, tristonho e baço,
os poemas phantasticos do espaço.
E eu sinto que me opprime o craneo ardente
noite sinistra de terror e gelo.
Dir-se-hia que da luz, que em mim demora,
levas comtigo a mais fecunda aurora.—

E os rouxinoes, cantando nos loireiros:

—O deus das avesinhas morre, expira!
Leva comsigo os hymnos derradeiros,
Os segredos suavissimos da lyra!

Soluçando as abelhas:

—Porque procuras um paiz distante,
rosa immensa de petalas vermelhas
onde sorria um succo inebriante?—

E, suspirando a infancia:

—Como era bom! como dizia bem!
Ah! não tinha mais luz e mais fragancia
o casto e doce olhar de nossa mãe!—

*
* *

E Jesus, sorridente, ia voando
entre um gentil e gracioso bando
de soes, pertumes, lagrimas e beijos...
Quando chegou ao seu paiz doirado,
ao seu ninho tão bello e perfumado,
—de onde elle pendurara os seus desejos,
onde tudo sorri, tudo se expande,—
a Terra, o seu algoz,—triste e mesquinha!—
bradou, gemendo então:
—No seu formoso e vasto coração
levou tudo que eu tinha
de bom, de heroico, de innocente e grande!

Braga, 28 de maio
de 1884.

Cunha Vianna.

